

Interdisciplinaridade entre estética e desenho de moda

Akã Mbyja Pinheiro Lopes (*)

Actas de Diseño (2026, abril),
Vol. 53, pp. 198-201. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2022
Fecha de aceptación: octubre 2025
Versión final: abril 2026

Resumo: A interdisciplinaridade proposta por este estudo evidencia uma experiência de ensino das disciplinas Estética e Desenho de Moda do curso técnico de Produção de Moda da Universidade Federal de Alagoas, ministradas no semestre de 2021.1. Tal interdisciplinaridade indica a confecção de trabalhos pelos discentes, observando a temática do *ecodesign*, ao integrar os exercícios de natureza teórica e prática de ambas as disciplinas.

Palavras-chave: desenho – estética – interdisciplinaridade – moda.

[Resúmenes en inglés y español en la página 201]

Introduzindo inseguranças e estratégias

Já era a segunda vez que eu ministrava a disciplina de Desenho de Moda do curso técnico em Produção de Moda da Escola Técnica de Artes (ETA) do Instituto de Ciências, Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) de forma remota em razão da pandemia da covid-19. Na primeira experiência, no semestre de 2020.2, também no mesmo formato, tive dificuldades em lecionar o conteúdo, uma vez que, de forma presencial (em outras instituições de ensino que já havia trabalhado; na UFAL ainda não havia tido a experiência no formato presencial), costumava agir em sala de aula de maneira a auxiliar o discente, inclusive, movimentando e segurando suas mãos para uma maior desenvoltura no riscado do papel e na instrumentalização das ferramentas de desenho. Minhas dúvidas eram inquietantes diante de um desafio em que eu não podia estar presente fisicamente com eles, observando seus limites em cada traçado realizado instantaneamente no momento da aula. O que devia fazer? Quais seriam minhas propostas pedagógicas? Que estratégias didáticas eu deveria adotar? Minhas inseguranças também pautavam a realidade de isolamento social que vivíamos e como docente isso me desestimulou durante o semestre de 2020.2.

Ao término do semestre de 2020.2, na última aula síncrona, realizei uma avaliação junto aos discentes para que pudessem caracterizar os resultados da disciplina de Desenho de Moda, destacando pontos positivos e negativos, por meio de uma abordagem verbal coletiva em aula transmitida por sala virtual do serviço de comunicação por vídeo Google Meet e respondendo a um formulário anônimo digital, onde, entre outras coisas, puderam avaliar meu desempenho profissional diante das tecnologias digitais, as abordagens pedagógicas que selecionei, o conteúdo e a organização dele. Entre as questões que se destacaram, surgiram os métodos de aprendizagem no formato virtual, que estariam aquém da realidade presencial.

A partir da primeira experiência com a turma ingressante do curso do semestre de 2020.2, planejei uma perspectiva diferente da abordada. Com a turma ingressante de 2021.2, ministrei no mesmo dia da semana (quinta-feira) do período diurno as disciplinas de Estética e Desenho de Moda. A primeira ocorria das 8:00h às 10:00h e a segunda das 10:10h às 12:10h (havia um intervalo de 10 min entre ambas as disciplinas, onde eu dispunha de músicas de um repertório escolhidas pelos discentes para que houvesse um momento de descontração). Como Estética tem uma abordagem mais teórica, busquei dialogar com os discentes o conteúdo do referido gênero de Desenho de Moda junto à abordagem crítica da disciplina Estética. Desenho de Moda trouxe um aspecto mais prático, considerando as temáticas daquilo que já havia sido discutido na disciplina Estética, observando as questões da natureza desta disciplina teórica, também relativamente ao corpo, pelo viés da Moda e da Cultura Visual, ao considerar sistemas simbólicos pontuados por Martins (2010), conforme estabelecido no plano de ensino da disciplina. Procurei dar relevância a discursos que pudessem perpassar as formações pessoais e profissionais

dos discentes (Lopes, 2020), com o propósito de resgatar narrativas autobiográficas que aproximassem o conteúdo de suas realidades de vida. Instigui a narrativas de memória dos discentes, como o fez Berté (2014), ao assumirem os conflitos e obstáculos de sua jornada para discutirmos criticamente a posição do conteúdo das disciplinas, pontuando a transversalidade que o *design* possui a partir de um fundamento de comunicação (Bonfim, 1997) e da própria caracterização da prática profissional do *designer* (Meyer, 2010).

Este é um relato de uma experiência de interdisciplinaridade das estratégias didáticas que adotei diante da insegurança do ensino remoto devido à pandemia da covid-19. O objetivo geral deste relato é narrar a proposta da utilização do *ecodesign* para as disciplinas de Estética e Desenho de Moda do curso técnico de Produção de Moda da UFAL durante o semestre de 2021.1, a fim de caracterizar as circunstâncias do momento pandêmico e suas formas de ensino, planejando alternativas caracterizadas pela educação *online*.

A interdisciplinaridade entre as disciplinas Estética e Desenho de Moda

A estrutura de avaliações em um semestre da UFAL conta com duas modalidades principais: as avaliações bimestrais, denominadas respectivamente de AB1 e AB2, nesta ordem respectiva. Para a aprovação do discente, é realizada uma média aritmética simples, em que o discente deve pontuar 7,0 (de uma nota de 0,0 a 10,0). Caso não atinja a média, pode realizar reavaliações (referentes a cada AB que não atingiu a média) e até mesmo uma prova final.

Foi na AB2 que planejei uma avaliação conjunta entre as disciplinas citadas anteriormente. A proposta para todos concentrava-se em um *look* de frente feminino que mesclasse tanto as técnicas de pigmentação natural do café (ao menos, este tipo de pigmentação natural) com a texturização já referida. Houve discentes que desenvolveram dois *looks* diferentes com o propósito de explorarem as técnicas de maneira separada.

Para explicar o conteúdo, em três aulas síncronas de Estética, discuti uma unidade chamada *Ecodesign*, que foi distribuída em três assuntos: conceitos, indicadores e princípios da temática em causa. Foi na última aula dessa unidade que tratei de apresentar duas técnicas em Desenho de Moda que haviam sido discutidas na disciplina anterior. A primeira foi a poluição por meio do tingimento e a segunda tratava do reaproveitamento de materiais. Assim sendo, ao discutir com os discentes o problema da poluição aquífera do tingimento ocasionado pela indústria têxtil, propus-lhes que a coloração dos croquis que criassem fosse realizada com tingimento natural e que houvesse uma texturização tridimensional de partes de seus desenhos com materiais alternativos não convencionais para a confecção de desenhos.

Encorajei-os a utilizar a técnica de coloração com café, exibindo-lhes um vídeo com uma profissional (Ferreira, 2015) a realizar formas de tingir um croqui com diluições moderadas e mais fortes de um café solúvel em água.

O vídeo também destacava o uso da técnica com a coloração com caneta. Por essa razão, permiti que os discentes pudessem realizar técnicas mistas, caso desejassem e achassem julgar oportuno para suas propostas. Além disso, orientei-os a não se limitarem unicamente com o uso do café. Poderiam utilizar outros pigmentos naturais como temperos, ervas e chás. Um dos discentes, graduado em gastronomia, mostrou uma experiência com tingimento com temperos de cores de tons terrosos, verdes e amarelos. O tom mais alaranjado que utilizou para colorir era uma diluição de açafrão em água. Outro discente procurou o equilíbrio do seu desenho, um vestido longo, com dois tons dos pigmentos naturais: beterraba e café.

Ademais, para concretizar o croqui, o uso de materiais alternativos não convencionais a um desenho devia ser utilizado para a confecção do *look*. Como materiais alternativos, pontuei a utilização de restos de materiais que, provavelmente, os discentes descartariam ou não refletiriam inicialmente para realizar um desenho, além de materiais como lápis de cor, canetas e tintas como aquarela e guache. O discente graduado em gastronomia propôs um croqui de um ser antropomórfico feminino que denominou como um possível personagem de jogos digitais, batizando-o de Xis, remontando ao nome da letra do cromossomo responsável pelo sexo humano (X). A Xis era uma mistura de ser humano com caranguejo. Sua pele alaranjada, que remetia à cor da estrutura externa do animal aquático, foi tingida com a diluição do açafrão em água e para texturizar a roupa do croqui, o discente priorizou a colagem de flores naturais em todo o vestido. Ele mostrou uma fotografia com a Xis primeiramente com as flores ainda não secas e logo depois que secaram. Em ambas as possibilidades, os efeitos causaram um impacto positivo, quando exibiu as duas imagens do croqui da Xis (antes, não secas, e após, secas) para mim e os colegas via serviço de comunicação por vídeo Google Meet (utilizado anteriormente pela UFAL nas aulas *online*, sendo utilizada até então agora a plataforma Microsoft Teams). O discente considerou sua criação menos expressiva que a dos outros colegas porque não a julgou como uma obra pertencente ao que denominou por si de alta-costura, semelhante ao trabalho de outros colegas. Ao destacar a ideia de alta-costura, o discente associa às mesmas questões sociológicas que Bourdieu (1983) indicou sobre o campo deste tipo de produção: nele, quem domina são os que detêm maior poder de desenvolver objetos raros, utilizando a ideia de marca. No caso de um campo, como declara o autor, os que detêm uma posição dominante e um maior capital específico opõem-se aos arrivistas e aos recém-chegados, os denominados pelo autor de entrantes por possuírem tal capital. O capital possibilita-lhes obter lucro e vantagem que a marca e sua projeção lhe ofertam. Em respeito ao discente criador da Xis, ele se classificaria apenas como um entrante, pois sua estratégia de subversão com a Xis não caracterizou para si como algo de valor emblemático do universo da alta-costura.

Entretanto, o discente foi refutado por mim e por seus colegas, dada a impressão de beleza e caracterização da falta de convencionalidade priorizada para a texturização do vestido da Xis.

O mesmo discente que utilizou a beterraba e o café para tingir um vestido longo em seu croqui, mostrou-me inicialmente uma proposta com uma espécie de *top* em uma figura feminina, uma vestimenta que cobria os seios do corpo do desenho, criando-o a partir de um ajuste, que considerei uma modelagem sobre papel, utilizando um recorte de bexiga branca. Observando a forma como o discente propôs, a ordenação da bexiga acima do desenho, parecia-me um tecido acetinado, o que me surpreendeu quando ele me informou que era outro material diverso de um tecido, uma vez que a diferença seria mais notável, considerando a matéria-prima e a textura de um tecido e uma bexiga.

A forma como os discentes apresentaram suas propostas descrevem um desenho de expressão a partir da criatividade e da imaginação humana, levando em conta sua relevância artística e de *design*, ao expressar seus pensamentos (Patrício et al., 2015), afetos, sentimentos e reconhecimento do trajeto de aprendizagem. O desenho deve ser encarado como um paradigma no processo de *design*, havendo um potencial para transferência semântica com caráter abstrato (Duarte, 2015).

O contrassenso da Moda torna seu conceito relativo e imprevisível (Lopes, 2017). Considerando a proposta de uma moda contemporânea (Lopes, 2021), o desenho encaixa-se diante do caráter da imprevisibilidade, dada as dimensões erráticas do desenho: um erro pode ser um efeito. No caso da personagem Xis, a imprevisibilidade do discente com as folhas secas tornou-se um efeito surpreendente para a turma, causando-nos um impacto de beleza e admiração pelo trabalho.

A maioria dos discentes não se arriscou em utilizar outros tipos de corantes naturais, priorizando o pigmento do café. Outro discente ainda utilizou a beterraba.

Considerando os trajetos *online*

A educação *online* não é uma novidade, quando se aborda os critérios da educação à distância (EaD). No entanto, a educação *online* desenvolvida a partir do ensino remoto em razão das circunstâncias do isolamento social da pandemia da covid-19 inquietaram-me como docente a fim de promover um ensino de mais qualidade. A urgência de adaptação surpreendeu-me, ao lidar com os mecanismos didáticos para ensino das disciplinas em causa. Primeiramente, tratou-as como se fossem disciplinas presenciais, tentando buscar os mesmos aportes metodológicos desta última modalidade. Encontrei uma frustração a partir daí.

Quando resolvi ser avaliado pelos discentes, eu já estava em processo de reconhecimento da adaptação. Eu desejava aprimorar-me para as próximas disciplinas dos possíveis semestres letivos vindouros que ainda permanecessem na modalidade remota. Outro critério que me trouxe frustração foi o fato de as disciplinas ocorrerem de maneira modular. Essa maneira foi adotada por parte dos docentes da ETA e por todos do curso técnico em Produção de Moda, com a finalidade de dinamizar o ensino e planejar a tempo uma realidade para o ensino remoto. Para as disciplinas teóricas, o planejamento e a

aplicabilidade de algumas técnicas didáticas eram mais factíveis de execução, dada a agilidade de implementá-las, pois podíamos realizar debates e solicitar avaliações textuais. Além do mais, o suporte digital via *e-mail já até facilitaria ao docente receber os trabalhos solicitados*. Com a disciplina Desenho de Moda, o planeamento do plano de ensino era tão comum como o de Estética à primeira vista. Todavia, quando o executei percebi que o formato modular estrangulava o tempo de aprendizagem do discente para o desenho. O módulo da disciplina ocorria no período de duas semanas seguidas, incluindo sábados letivos. O desenho é uma prática que requer mais tempo para quem nunca tenha lidado com este tipo de conhecimento. Percebia ansiedade por parte dos discentes em não atender às necessidades da ementa ou ainda não haver tempo suficiente para desenvolver suas habilidades.

A realidade mudou, quando ainda no ensino remoto no semestre de 2021.1, voltamos a adotar o aspecto semestral. Ao invés de ministrar uma disciplina em duas semanas, como acontecia na maneira modular, passamos a ministrá-la em quinze semanas, como anteriormente ocorria no ensino presencial. Houve mais tempo para observar a evolução dos discentes, tanto na criticidade proposta pela densidade teórica de Estética, como o desenvolvimento da desenhatura com a prática em Desenho de Moda. O planeamento, ao sofrer alterações, tornou-se mais complexo no formato modular; já no semestral, era possível refletir mais sobre modificações no cronograma e na estrutura do plano de ensino, com o propósito de atender as necessidades dos discentes, bem como as adversidades e as peculiaridades de cada turma, pois havia mais tempo para refletir sobre as atividades que proporia.

Referências

- Berté, O. S. (2014). *Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos: dança e pedagogias culturais*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Goiás (UFG). <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4070>
- Bonfim, G. (1997). Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. *Estudos em Design*. V(2).
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Marco Zero.
- Duarte, M. (2015, 27 de novembro). O desenho na transferência semântica para o produto de design [Conferência]. DESIGNA 2015, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. <http://www.designa.ubi.pt/ficheiros/D2015%20BA%2025.11>
- Ferreira, T. (2015, 17 de novembro). Croqui feito com café instantâneo - além do lápis de cor. *Fuxico Fashion by Thais Ferreira*. <https://www.youtube.com/watch?v=fy8hOkR0Ks8>
- Lopes, H. P. (2017). *Práticas das cópias: censura e reconhecimento na indústria da Moda*. [Tese de doutorado, Universidade de Coimbra]. Estudo geral: Repositório científico da Universidade de Coimbra (UC). <http://hdl.handle.net/10316/92327>
- Lopes, H. P. (2020). Narrativas autobiográficas na pesquisa qualitativa: implicações das cópias na moda. *Projética*, 11(1), 14-31. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-2207.2020v11n1supl14>
- Lopes, H. P. (2021). A emergência de uma moda contemporânea. *DATJournal*, 6(1), 294-307. <https://doi.org/10.29147/dat.v6i1.342>
- Martins, R. (2010). Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. *Educação & Linguagem*, 13(22), 19-31. <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v13n22p19-31>
- Meyer, G. C. (2010). Reflexões sobre a caracterização da pesquisa científica e da prática profissional no design. *Estudos em Design*, 18(2), 2010. <https://doi.org/10.35522/eed.v18i2.52>
- Patrício, F. dos S., & Held, M. S. B. de (2015, 26 de novembro). *Desenho de Expressão: Um Esboço da Imaginação e da Criatividade Humana [Conferência]*. DESIGNA 2015, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. <http://www.designa.ubi.pt/ficheiros/D2015%20BA%2025.11>

Abstract: This study proposes an interdisciplinary which evidences an experience of teaching two subjects: Aesthetics and Fashion Drawing (course of Fashion at Federal University of Alagoas), taught in 2021. Such interdisciplinarity indicates a preparation of works by students observing ecodesign, when integrating exercises of a theoretical, and practical nature of both disciplines.

Keywords: drawing, aesthetics – interdisciplinarity – fashion.

Resumen: La interdisciplinariedad propuesta por este estudio evidencia una experiencia de enseñanza de las asignaturas Estética y Dibujo de Moda del curso de Moda de la Universidad Federal de Alagoas, enseñadas en el semestre de 2021.1. La interdisciplinariedad indica la elaboración de trabajos por parte de los estudiantes observando la temática del ecodiseño, al integrar los ejercicios de carácter teórico y práctico de ambas disciplinas.

Palabras clave: dibujo, estética, interdisciplinariedad – moda.

(*) **Akã Mbyja Pinheiro Lopes** é doutora e especialista em Estudos Contemporâneos pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) do Instituto de Investigação Interdisciplinar (IIIUC) da Universidade de Coimbra (UC) com título revalidado em Design pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel em Estilo e Moda pelo Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora efetivo do curso técnico em Produção de Moda da ETA do ICHCA da UFAL e líder do grupo de pesquisa Laboratório de Chafurdos da Moda (LabCHAMO), atuando nas linhas de pesquisa Cultura Visual e Moda e Da matéria-prima ao design. Tem experiência e interesse em design de moda, atuando nos seguintes temas: biografização, cópia, cultura visual, design social, jogos digitais, narrativas autobiográficas, pesquisa qualitativa, programação, subjetividade e teorias da moda.